

A Pacificação dos Índios Urubu-Kaapor

Darcy Ribeiro

A Política Indigenista Brasileira (p. 82-95)

A pacificação dos índios *Urubu-Kaapor* teve início em 1911 e se prolongou até 1928, quando os primeiros membros da tribo confraternizaram com os servidores do S.P.I., no Posto de Atração da ilha de Canindéua-assu, no alto Gurupi, entre o Pará e o Maranhão.

A primeira tentativa de aproximação foi feita em 1911 pelo tenente Pedro Ribeiro Dantas que, à frente de uma pequena turma de trabalhadores, se internou na mata para tentar um contato com os índios. Fracassada a tentativa por falta de continuidade, com a retirada do comandante, recrudesceram as lutas entre os *Kaapor* e a população local, formada de garimpeiros, madeireiros e trabalhadores da linha telegráfica, espalhada pelo imenso território dominado pelos índios, entre os rios Turiaçu, o Gurupi e o Pindaré.

Os *Urubu-Kaapor* atacavam sempre em represália a ofensas sofridas, e nos primeiros anos que se seguiram à tentativa do Tenente Dantas, as pequenas turmas de pacificação, que continuamente se revezavam na colocação de brindes em pontos percorridos pelos índios, não eram hostilizadas.

Os extratores de drogas da mata e o pessoal da linha telegráfica viviam, contudo, em contínuo conflito com os índios; sempre que sofriam baixas, os *Kaapor* revidavam com vigorosos ataques, deixando de retirar os brindes que os servidores do S.P.I. colocavam em tapiris, nas trilhas, e chegando muitas vezes a destruí-los.

Ao tomar conhecimento de um assalto por parte dos índios, os funcionários do S.P.I. procuravam aproximar-se dos atacantes, que retrocediam à mata sem poder ser abordados. Alternadamente, pois, renovavam-se as hostilidades e as manifestações pacíficas dos índios, com a retirada dos brindes e a colocação, em seu lugar, de imitações de tesouras ou terçados feitos de madeira, para indicar o que desejavam receber.

Em 1915, à falta de recursos, a atuação do S.P.I. exercida através do Posto Indígena Felipe Camarão, do rio Jararaca, cessou inteiramente. Esse Posto atendia a índios *Tembé* e *Timbira* e, simultaneamente, fazia esforços de aproximação com os *Kaapor*.

Três anos mais tarde foi criado o posto de vigilância do Turiaçu, para impedir os conflitos entre índios e o pessoal da linha telegráfica de ligação entre São Luis e Belém do Pará, que atravessava o território tribal. Estes se haviam especializado nas chacinas aos *Urubu-Kaapor*. Um certo João Grande, agente da linha, perseguia atrozmente os índios, organizando expedições contra suas aldeias e espetando as cabeças das vítimas, homens, mulheres e crianças, nos postes telegráficos, como advertência para que os índios não cortassem mais a linha. Os relatórios do S.P.I. da época, mencionam ataques atribuídos ora a índios *Urubu-Kaapor*, ora a *Timbira* que, provindos do rio Caru, também se infiltraram na área, sem que pudessem ser precisamente identificados uns e outros.

No mesmo ano, (1918), índios *Urubu-Kaapor* atacaram o Posto Indígena Gonçalves Dias, do rio Pindaré, que assiste aos índios *Guaajajara*. Era o primeiro ataque àquele posto, instalado havia cinco anos e foi assim relatado pelo encarregado:

“Estava o índio *Guajajara* João Totoriá pescando à margem do rio quando ouviu rumor de pisadas em folhas secas; olhando para o lado donde vinha esse rumor, viu dois vultos deitados ao comprido, no chão, e mais adiante três, de pé, e meio escondidos nos matos. Reconhecendo que tinha diante de si índios bravos, o guajajara deitou a correr em direção às casas do Posto, gritando: “Aúou, Aúou” — o que corresponde a “índio bravo matador”! Ao alcançar o pátio das casas, já cansado, o fugitivo tropeçou e caiu; levantou-se nessa ocasião recebeu uma flecha na região frontal, que lhe produziu um ferimento de oito centímetros de extensão.

A esses gritos, os companheiros do assaltado, que se achavam a fabricar farinha, correram em seu socorro e ao avistarem os assaltantes que vinham saindo do pátio do lado do rio perguntaram-lhes o que queriam. Como resposta receberam uma descarga de flechas. Novos disparos de flechas foram feitos contra os guajajaras que tornaram a perguntar aos assaltantes o que queriam. Mas, vendo os atacados que os outros teimavam em não lhes dar resposta e iam apoderando-se do que havia pelas casas e terreiros, dispararam dois tiros para o ar, na esperança de assim amedrontá-los. No entanto, os índios bravos a nada atendiam e investiam com furor. Então, um dos guajajara fez fogo de pontaria contra o mais afoito dos atacantes, no momento em que este saía de uma casa que estivera a saquear. Nesse momento chegou ao local do conflito o encarregado do Posto, que ouviu seguir-se ao estampido do tiro um grito forte e o tropel de muitas pessoas que deitavam a correr pela margem do rio; entre os fugitivos, foi o alvejado, que mesmo assim não abandonou os objetos tirados da casa saqueada.”

Ano após ano, os relatórios do S.P.I. registram incursões dos *Kaapor* aos estabelecimentos de coletores de drogas da mata, garimpeiros e madeireiros, bem como a canoas que trafegavam o Gurupi e a pequenos povoados locais de que resultavam encarniçadas refregas.

A eficiência desses ataques, movidos muitas vezes pelo desejo de saque, — já que os índios utilizavam metal para as pontas de suas flechas, — levou a população local a acreditar que os *Kaapor* eram dirigidos por criminosos evadidos dos presídios do Maranhão, do Pará e mesmo de Caiena e por negros remanescentes de antigos quilombos. Era voz corrente, também, que aventureiros de toda ordem, atraídos pelas ricas minas de ouro do Gurupi, incitavam os índios ao saque e eram os maiores interessados em mantê-los aguerridos, para servir aos seus propósitos de traficância clandestina do ouro. A explicação servia, principalmente, para justificar as chacinas empreendidas ou tentadas contra os índios.

Versões deste gênero chegaram a ser veiculadas pela imprensa²⁰, como a que atribuiu a um lendário Jorge Amir a chefia dos guerreiros *Kaapor*. Este indivíduo, que nunca chegou a ser identificado, teria negócios com o comerciante sueco Guilherme Linde, grande proprietário do Gurupi, que ali investira vultosos capitais na exploração do ouro de Montes Áureos. Outra lenda, corrente na época, descrevia os *Urubu-Kaapor* como mestiços de Timbira e negros quilombolas.

Por volta de 1920, a situação de insegurança em todo o vale do Gurupi se agravara de tal modo que as autoridades do Maranhão e do Pará foram instadas a decretar o estado de sítio em toda a região, para garantir a vida e a propriedade dos moradores civilizados.

²⁰ Ver *O Estado do Pará*, de 26-2-1920

Expedições punitivas contra as aldeias indígenas eram também periodicamente organizadas, como a de 1922, estipendiada por um deputado estadual e pelo prefeito de Peralva, composta de 56 homens fortemente armadas. Dirigiram-se ao Alto Turi; e após 6 dias de marcha, assaltaram uma aldeia *Kaapor* e mataram no trajeto dois homens, o que alertou os demais, possibilitando a fuga. Na madrugada seguinte, reforçados por índios de outra aldeia, os fugitivos cercaram os expedicionários, despejando sobre estes saraivadas de flechas. Provocando nova fuga dos índios quando já tinham esgotado quase toda a munição, os invasores queimaram a aldeia e destruíram as roças, antes de regressar.

Em 1927 reiniciam-se os trabalhos de pacificação dos índios *Urubu-Kaapor*, com a instalação do Posto Pedro Dantas na ilha de Canindéua-assu, próximo ao local onde os índios faziam a travessia do Gurupi, da margem maranhense à paraense. O local fora escolhido por Miguel Silva, encarregado do Posto Indígena Felipe Camarão, que desde 1911 trabalhava para o S.P.I., na assistência aos índios Tembê e Timbira, do Gurupi, e na pacificação dos *Kaapor*.

A turma encarregada da instalação do Posto era constituída de 15 trabalhadores, do encarregado-geral, Soeira Ramos Mesquita — que, medroso e incapaz, pouco influiu no empreendimento — de um carpinteiro, de um encarregado do material flutuante, do intérprete tembê, Raimundo Caetano, morto pelos índios em 1934, e do capataz Benedito Jesus de Araújo, o que mais contribuiu para a pacificação, sendo mais tarde morto pelos índios que chamara à paz, como adiante veremos.

Construído o rancho na ilha de Canindéua-assu²¹, defronte da margem maranhense, os trabalhadores abriram uma picada de 15 quilômetros, mata a dentro ao fim da qual colocaram o primeiro tapiri de brindes, na margem direita do Gurupi. Na margem paraense foi plantada uma grande roça e levantados outros tapiris para a colocação de brindes, hasteando-se em cada um deles uma bandeira branca e flechas indicando a direção do barracão central.

O primeiro tapiri foi encontrado pelos índios alguns dias depois de instalado o Posto. Quebraram o girau e todos os brindes, exceto alguns medalhões, que levaram, com a efígie de José Bonifácio, que o S.P.I. fizera cunhar como homenagem ao seu patrono e para satisfazer o gosto do índios por moedas e medalhas de metal.

Em outubro de 1927 foi flechado e morto pelos *Kaapor*, quando tripulava o batelão do Posto, o índio Tembê Manoel Guamá e, pouco depois, também foi ferido a flecha o trabalhador Raimundo Pereira.

Os principais eventos de 1928, ano em que se deu a pacificação, foram registrados no diário do Posto Pedro Dantas, através do relato quotidiano dos acontecimentos, que abaixo resumimos:

“...A 17 de janeiro os índios se deixaram ver e fizeram sinais a José Martinho, caçador do Posto.

— A 18 de fevereiro chegou ao Posto, vindo de Itamoari, o sr. Antônio Bernardino, que disse terem os índios atacado trabalhadores do sr. Bogêa Filho, resultando a morte de um de nome Leôncio. Esse ataque se deu em Montes Áureos, onde imprudentemente o Sr.

²¹ Continuou funcionando o P.I. Felipe Camarão; em 1929, foi fundado o P.I. General Rondon, nas cabeceiras do rio Maracassumé, não muito distante da estrada telegráfica. Esse era completamente desligado dos postos do Gurupi, tinha sistema de transporte próprio através da picada da linha telegráfica. Teve, porém, papel de pouco destaque, porque os índios quase nunca o procuravam, tal a ojerisa aos moradores daquela região.

Bogêa Filho mandara extrair ouro. No dia seguinte os índios cercaram no igarapé Canindéua um trabalhador do Posto que estava caçando, mas que conseguiu escapar.

— A 13 de junho os índios deram sinais defronte do Posto e no mesmo dia acompanharam os pescadores desde o lugar Cajueiro até muito próximo.

— A 7 de julho os *Kaapor* fizeram sinais aos pescadores do Posto. A 11, foi visto pela senhora de um trabalhador um índio do lado do Maranhão e à noite eles deram muitos sinais defronte do Posto, tendo os intérpretes falado longo tempo em timbira e tembé porque ainda se desconhecia a sua língua. A 29, apareceram defronte do Posto diversos índios que fizeram sinais aos pescadores perto da ilha do Camaleão. Outros apareceram no caminho do igarapé Canindéua e deram sinais ao capataz Benedito Araújo, ao intérprete e outras pessoas que andavam caçando.

A 30, hasteou-se junto ao novo barracão uma outra bandeira branca, em local onde pudesse ser observada pelos índios. A 31 estes deram muitos sinais defronte ao Posto, falando o intérprete tembé por longo tempo, verificando-se, assim, que eram efetivamente de língua Tupi. Visitaram-se a intervalos os tapiris, não tendo os índios retirado nenhum dos brindes, provavelmente por não os haverem encontrado.

— A 25 de agosto apareceu novamente à referida senhora o mesmo índio que lhe havia aparecido anteriormente, mostrando o arco sem flecha em sinal de paz, mas fugindo à chegada do intérprete.

— Os índios continuam a dar sinais tanto defronte ao posto como aos caçadores e pescadores. Um outro tapiri de brindes foi armado à maior proximidade do Posto.

A 7 de setembro apareceram diversos índios defronte ao posto, levantando-se uma bandeira branca no local.

No dia 22 apareceu à referida senhora o mesmo índio, desta vez enfeitado de penas e capacete. O intérprete o viu e falou-lhe sem que obtivesse resposta.

— A 1o de outubro os índios retiraram todos os brindes do tapiri mais próximo ao posto, dando constantes sinais. Um índio foi vista no roçado e três outros em frente ao posto. O intérprete falou-lhes constantemente, não obtendo resposta. No dia 13, os índios atiraram algumas flechas em direção ao Posto, sem contudo alvejar as pessoas que se achavam nas redondezas. Alguns índios deram sinais no local onde no ano anterior atacaram o batelão do posto e depois retiraram os brindes, deixando cascas de pau em forma de terçados e facas, para dar a entender que precisavam desses objetos, no que foram atendidos.

— A 16 de outubro, por volta do meio-dia, chegou um índio à beira do rio e pediu terçados em sua língua. Imediatamente o batelão do Posto dirigiu-se para lá, levando-lhe o capataz facões e machados. O índio afastou-se pedindo que fossem deixados na praia. Assim fez o pessoal do batelão e logo que regressou à ilha de Canindéua-assu vários índios saíram da mata a arrecadaram a ferramenta.

— A 20 e 21 os índios voltaram, retirando todos os brindes sem, no entanto, “dar fala.” No dia 22, apareceram vários outros no mesmo local, chamando “Catu-Camará” e pedindo roupas e ferramentas. Este grupo era chefiado por um índio que deu a entender chamar-se Remon.

Dessa data em diante voltaram novos grupos levando sempre ferramentas e roupas. Recorreu-se ao Posto Felipe Camarão por estarem esgotados todos os recursos de que se podia lançar mão.

— A 1º de novembro chegou ao Posto o ajudante da Inspetoria Artur Bandeira que entregou brindes a 32 índios que de longe avistaram sua canoa, chamando “Catu-Camará.” Bandeira conseguiu trazer três deles ao Posto. No dia seguinte apareceu novo grupo, que a muito custo se deixou fotografar. No dia 5 apareceu um grupo de 8 índios à sede do Posto, que dançaram e cantaram para agradecer os brindes que receberam.

— A pedido dos índios foi construído um barracão provisório na margem onde costumam aparecer. No dia 15 de dezembro apareceu a primeira índia no Posto, que até essa data havia recebido a visita de 94 índios, alguns dos quais pernотaram na sede, permanecendo aí dias seguidos.”

Dai em diante as visitas foram-se tornando cada vez mais frequentes, quase diárias, aumentando progressivamente o número de índios que procuravam o Posto com suas mulheres e crianças, nele permanecendo vários dias. Quando não havia brindes eles ficavam nos arredores aguardando a chegada do batelão que vinha de Vizeu.

Em 1929 o Posto foi transferido da ilha para a margem maranhense, construindo-se um grande barracão de madeira de lei e uma cerca de arame farpado, além de um barracão para alojamento dos índios.

Em abril do ano seguinte, o encarregado geral do Posto, Soeira Mesquita, de viagem para Vizeu, decidiu levar consigo cinco índios *Urubu-Kaapor* para provar que havia pacificado a temível tribo. De Vizeu teve de seguir até Belém, entregando os índios aos tripulantes para serem reconduzidos ao Posto. Durante a viagem de volta os índios foram atacados de gripe, morrendo dois deles em Itamoari. Os outros três, em estado muito grave, acompanhados pelo capataz Benedito Araújo chegaram alquebrados ao Posto. Um dos doentes, filho do Capitão Arara, apesar do tratamento que recebeu do capataz e do intérprete timbira, Marcolino, morreria dias depois. Uma turma de outros 25 índios que haviam visitado o povoado de Itamoari, num gesto espontâneo de confraternização, também chegou atacada de gripe contaminando a gente de sua aldeia. Grassava, então, no Gurupi, uma epidemia de impaludismo que prostara os próprios trabalhadores do Posto e fizera vítimas entre os índios, vindo a falecer as duas esposas do mesmo Arara. Temendo as doenças, a maioria dos índios se retirou para suas aldeias, vindo a contaminá-las, seguindo-se enorme mortandade.

“...Marchavam assim os acontecimentos - narra o diário da pacificação - quando fomos surpreendidos com gritos de índios *Urubu-Kaapor* à margem maranhense que pediam passagem para o Posto. Embarcou apenas um índio, armado de arco e seis flechas, isto contra a regra estabelecida que determinava que os índios não entrassem no Posto armados. Logo ao desembarcar, deu a um dos homens que o tinha atravessado, uma das flechas que trazia e em seguida dirigiu-se ao barracão chamando por Araújo, nome por que era conhecido o capataz Araújo. Este, com sua conhecida benevolência e cega confiança, ofereceu-lhe um banco para sentar-se e passou a dirigir-lhe perguntas. O índio mostrou, então, ao capataz uma flecha de grande lâmina, dizendo ser preparada para matar Tapiira (anta) e em dado momento, assentando no arco a flecha aludida, apontou em direção ao quintal, proferindo as seguintes palavras: “Araújo Tapiira” e brandindo o arco com toda a

violência, virou repentinamente a pontaria soltando a flecha no peito de Araújo que, sem dar um gemido, caiu morto.

Armado ainda de quatro flechas, saiu pela porta que dá para a cozinha, dando grandes urros, rodeou o barracão procurando outra pessoa; parou em frente de uma das janelas e brandindo com rapidez o arco soltou outra flecha atingindo o índio timbira, Marcolino, que gravemente ferido, correu, caindo logo adiante. A seguir, Oropó — que mais tarde se veio a saber também perdera as duas esposas na epidemia e era da aldeia do Capitão Arara — evadiu-se para a mata.

Os outros índios que havia dias se encontravam no barracão em atitude pacífica, apesar de não compreenderem o que levara o companheiro a praticar semelhante ato, amedrontados, também fugiram.”

Nem um só tiro foi disparado em perseguição a Oropó, embora todos os trabalhadores do Posto estivessem perplexos e revoltados com o atentado.

Nos outros casos de massacre de turmas de pacificação, o S.P.I. agiu sempre assim, providenciando diligentemente para impedir o revide, da parte dos seus servidores ou da população circunvizinha e renovando os esforços por alcançar a confraternização. Foi o que ocorreu com os Botocudos (*Xoklêng*), do Paraná, como já relatado e, em 1942, quando o funcionário do S.P.I. Humberto Brighia e seus familiares, ao todo seis pessoas, foram vitimadas pelos índios *Uaimiri*, do Amazonas, durante os trabalhos de atração; com Genésio Pimentel Barbosa e seus companheiros, abatidos a borduna pelos *Xavante* e em vários outros casos.

Reiteradas vezes os esforços para refazer as relações pacíficas recomeçavam imediatamente após o ataque, por iniciativa dos funcionários sobreviventes ou das novas turmas que os substituíam. No caso dos *Urubu-Kaapor* tratava-se de um movimento contra-aculturativo, provocado pela revolta que desencadeou a enorme mortalidade que sofreram ao primeiro contágio de gripe, e que o índio Oropó atribuiu aos remédios ministrados pelo pacificador.